Introdução

A América Latina é marcada por uma história de invasão, de dominação e de luta pelo poder. O fruto dessa história é a opressão e a miséria experienciadas ainda hoje por milhões de pessoas. Tais pessoas (irmãs e irmãos nossos!) vivem situações desumanas de várias categorias tornando-se os atuais “cristos crucificados na história”. Nesse contexto, a Igreja latino-americana busca, na teoria e na prática, fazer-se próxima a eles para “descê-los da cruz”.

Ao referirmo-nos anteriormente à teoria e à prática temos como objetivo ressaltar a reflexão teológica que nasce a partir da inserção em nossa realidade. Para falar da presença de Deus em meio a tanto sofrimento humano, muitos teólogos latino-americanos utilizam uma linguagem que tem como eixo a realidade que experienciam. Por isso, escolhemos como fonte de nosso trabalho a reflexão do teólogo Jon Sobrino por sua capacidade e eloquência em apresentar a proximidade de Deus como o libertador de todos os crucificados da história por sua participação nos sofrimentos de Jesus, que também foi exposto à conspiração dos poderes políticos e religiosos de sua época e condenado injustamente. Além disso, o escolhemos, sobretudo, por ser uma testemunha na prática daquilo que reflete.

Nossa dissertação terá como eixo a temática da teologia da cruz presente nas obras de Jon Sobrino, onde procuraremos desenvolver uma reflexão que nos conduza ao sentido original da cruz de Jesus e sua relação com o seguimento a Ele. A escolha do tema é de caráter pessoal pela proximidade ao carisma das Irmãs Dimesse Filhas de Maria Imaculada proposto pelo fundador Fr. Antônio Pagani em 1579 como uma volta às fontes no seguimento a Jesus. Porém, antes de continuarmos a apresentar o desenvolvimento de nossa pesquisa queremos situar o nosso autor e o tema escolhidos para melhor compreendermos o fundamento da reflexão.

Jon Sobrino nasceu em 1938 e cresceu no País Basco. Após um ano ao entrar na Companhia de Jesus, ainda como noviço, foi transferido para El Salvador, na América Central em 1957. Desde então vive neste país. Saiu apenas para seus estudos: por cinco anos para estudar filosofia e engenharia nos Estados Unidos e por sete para estudar teologia em Frankfurt, na

Alemanha¹. Sua tese doutoral intitula-se *O significado da cruz e ressurreição de Jesus nas cristologias sistemáticas de W. Pannenberg e J. Moltmann*.

A vida de Sobrino foi marcada por fortes momentos. Quanto à sua reflexão e sentimentos classifica dois: antes e depois do “despertar do sono da cruel inumanidade”². Seus estudos nos Estados Unidos e na Alemanha o ajudaram a despertar do “sono dogmático”, isto é, a ter uma visão filosófica e teológica mais profunda, mas continuava a olhar a realidade a partir do Primeiro Mundo e desejava continuar ajudando El Salvador através dos seus conhecimentos adquiridos. Até 1974, quando retorna a El Salvador, o mundo dos pobres não existia para ele. Mesmo tendo convivido anteriormente com a realidade salvadorenha, ela não dizia nada para sua vida, pois veio como “o missionário” que traz algo para oferecer. Porém, seu retorno o ajudou a perceber que muitos outros estavam agindo em favor dos pobres. Os pobres e a justiça começam a ser para ele as lentes pelas quais se devia olhar a verdade, o amor, a fé, o Evangelho e Deus. E assim se deu o “despertar do sono da cruel inumanidade. A partir daí sentiu que não era sensato “hahnerizar” ou “moltmanizar” os salvadorenhos, mas fazer o contrário: “salvadorenhizar” Ranher ou Moltmann.

¹ Cf. SOBRINO, J., *O princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*, p.12.

² Cf. Ibid., pp. 11-16. Sobrino assim descreve sua chegada a El Salvador: “Para mim o mundo continuava sendo o ‘Primeiro Mundo’; o homem continuava sendo o ‘homem moderno’; a Igreja continuava sendo ‘a Igreja (européia) do Concílio’; a teologia continuava sendo ‘a teologia alemã’; e a utopia continuava sendo, de alguma forma, que os países do sul chegassem a ser como os países do norte. Desejávamos isso e por isso muitos, consciente ou inconscientemente, queríamos trabalhar naquele tempo. Havíamos despertado do sono dogmático, se se quiser; mas continuávamos dormindo um sono muito mais profundo e perigoso, e do qual é mais difícil despertar: o sono da inumanidade, que não é outra coisa que o sono do egocentrismo e do egoísmo. Mas despertamos.

Por um desses raros milagres que ocorrem na história, percebi que até então eu havia adquirido muitos conhecimentos e tinha aprendido muitas coisas, que havia me desprendido e que me tinham despojado de muitas outras coisas tradicionais; mas no fundamental nada mudara. Em palavras simples, vi que minha vida e estudos haviam me dado olhos novos para ver a realidade deste mundo tal qual é nem me tinham tirado o coração de pedra ante o sofrimento deste mundo.

Foi isso que experimentei quando voltei a El Salvador em 1974. E começamos, espero, a despertar do sonho da humanidade. Ali, para surpresa minha descobri que alguns companheiros jesuítas já falavam de pobres, de injustiça e de libertação. Encontrei jesuítas, sacerdotes e religiosas, leigos, camponeses e estudantes, inclusive alguns bispos, agindo em favor dos pobres e se metendo em sérios conflitos por causa disso. Eu era recém-chegado e estava surpreso, e não sabia com o que podia contribuir. Mas desde o princípio ficou bem claro para mim que a verdade, o amor, a fé, o evangelho de Jesus, Deus, o melhor que os crentes e os seres humanos temos, passava por aí, pelos pobres e pela justiça. Para dizê-lo em palavras concretas: não se trata de Ranher ou Moltmann, a quem estudei a fundo, já não terem nada a dizer, mas compreendi que era uma insensatez ter como ideal rahnerizar ou moltmanizar os salvadorenhos. Se eu pudesse ajudar algo com meus estudos, a tarefa teria que ser a inversa: salvadorenhizar Ranher e Moltmann, se fosse possível...

Lembrando meu querido irmão Jesuíta Inácio Ellacuría, reitor da universidade Centro-americana José Simeón Cañas, assassinado junto com outros cinco jesuítas e duas mulheres simples aos 16 de novembro de 1989, aprendi que não há nada mais essencial para viver como o ser humano do que o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado, e que não há nada mais humano e humanizante do que a fé no Deus de Jesus”. Ibid., pp.14.28

Seu irmão jesuíta Inácio Ellacuría e D. Oscar Romero foram duas pessoas importantes em sua vida e o ajudaram a descobrir e a entrar em profundidade no mundo dos pobres.

Jon Sobrino viveu o drama do povo de El Salvador e a ditadura lá imposta. Viu o sangue derramado de um povo inocente. Em 16 de novembro de 1989 um grupo paramilitar entrou na Universidade Centro-americana e assassinou seis jesuítas, dentre eles seu grande amigo Ellacuría, a cozinheira da comunidade e sua filha. Ele estava em Hua Hin (Tailândia) dando um curso a pedido de Leonardo Boff e assim escapou do assassinato³. Este triste episódio marcou profundamente a sua vida. Sobrino continuou sua reflexão tendo sempre os pobres e os mártires como chaves de leitura para uma vivência evangélica.

A reflexão teológica de Sobrino emerge nesse contexto latino-americano de perseguição onde a própria Igreja experimenta o sofrimento junto com o povo. Queremos acentuar que este é um período pós-conciliar no qual a Igreja na Europa pôde testemunhar um novo florescer de reflexões que a ajudaram a dialogar com o mundo. Fazia-se necessária uma reflexão que correspondesse ao contexto histórico, como corajosamente propôs João XXIII ao convocar um Concílio que promovesse um *aggiornamento* da Igreja.

Após o Concílio a reflexão teológica e especificamente cristológica na Europa ganha destaque nas obras de K. Ranher, W. Kasper, H. Küng, Y. Congar, V. Balthasar, E. Schillebeeckx e outros. Surge aqui o desafio de

harmonizar a verdade sobre Jesus Cristo transmitida pelo Novo Testamento e os dogmas eclesiais cristológicos com a presente situação, em que se deu uma nova ênfase à verdadeira humanidade de Cristo e ao seu caráter salvífico. Reconhece-se, então que o “dogma cristológico pode apresentar-se na perspectiva atual sem nenhum detrimento de seu significado original, mas exige-se da cristologia o esforço de assumir de certa forma e integrar a visão do homem atual de si mesmo e da história”⁴.

A reflexão teológica que nasce na América Latina concomitante ao Concílio Vaticano II recebe dele o impulso para seu desenvolvimento. A realidade latino-americana não era a mesma europeia (e ainda não é), pois aqui a questão da pobreza era emergente. Surge então uma teologia a partir do “seu próprio poço”⁵, cunhada como Teologia da Libertação (TdL), que inclui em seu interior a situação histórica e a realidade social dos povos latino-americanos.

³ Cf. SOARES, A. M. L. (org.), *Dialogando com Jon Sobrino*, pp.11-12.

⁴ SOBRINO, J., *Jesus na América Latina*, p.17.

⁵ Título do livro de Gustavo Gutierrez: “Beber em seu próprio poço”.

A TdL compreende dois momentos distintos e complementares: formação e consolidação. O primeiro momento corresponde às décadas de 60 e 70 e o segundo, 80 e 90⁶. A reflexão cristológica de Sobrino ganha destaque no final do primeiro momento, pois em 1976 publicou o livro *Cristologia a partir da América Latina, esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Esta obra inaugurou a sua caminhada entre os teólogos da libertação e especificamente na Cristologia da libertação.

Quando Sobrino retorna a El Salvador já havia acontecido a Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968). As conclusões de Medellín, que se intitulam “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”, iniciaram para a Igreja na América Latina um novo período de sua vida eclesial, pois o Vaticano II abre-se ao mundo moderno e Medellín descobre, dentro do mundo moderno, o “mundo dos pobres”. As afirmações sobre Cristo influenciaram poderosamente no sentido de forjar pastoralmente uma nova imagem dele, fazendo surgir o que se denominou Cristologia latino-americana ou Cristologia da libertação. Ressalta-se a presença de Cristo na história e a presença de Cristo nos pobres⁷. Em 1979 a Conferência realizada em Puebla dá um novo impulso à “opção preferencial pelos pobres”. Nesse período muitos cristãos vivenciam o martírio, dentre eles D. Oscar Romero, que é acusado de morrer por uma ideologia enquanto presidia a eucaristia.

A reflexão teológica latino-americana desde então é cautelosamente analisada pela Congregação para a doutrina da fé (CDF), a qual escreveu duas Instruções em relação à Teologia da Libertação. A primeira Instrução foi a *Libertatis nuntius* (Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação) de 1984 e a segunda, *Libertatis conscientia* (Instrução sobre a Liberdade cristã e a libertação), de 1986. A *Libertatis nuntius* (ILN) critica o uso do marxismo em algumas formulações da TdL. A *Libertatis conscientia* (ILC) ressalta a relevância da articulação entre libertação e liberdade, e lançou a Doutrina Social da Igreja como instrumento relevante e imprescindível para a reflexão teológica da libertação⁸.

A ILN reconhece a situação social da América Latina, de injustiça e miséria (I,1-9;VII,12) que se constitui como interpelação e apelo a um resposta

⁶ Cf. GONÇALVES, P. S. L., A teologia do CVII e suas consequências na emergência da TdL, pp.86-87. In: GONÇALVES, P.S.L.; BOMBONATTO, V.I. (orgs). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*, pp. 69-94. Para um aprofundamento sobre as fases da Teologia da libertação sugerimos ANDRADE, P. F. C. *Fé e eficácia. O uso da sociologia na teologia da libertação*. São Paulo, Loyola, 1991.

⁷ Cf. SOBRINO, J., *Jesus na América Latina*, p. 18.

⁸ Cf. GONÇALVES, P. S. L., op. cit., pp. 69-94.

de fé. Porém, faz uma distinção entre “Teologia da Libertação” e “teologias da Libertação”. As principais críticas da ILN são o reducionismo da libertação à esfera do social, a aplicação de conceitos marxistas na análise da realidade social e uma exaltação da importância do político com graves consequências para a fé.

Concomitante à ILN, Leonardo Boff, teólogo latino-americano, que havia lançado em 1981 o livro *Igreja, carisma e poder*, em 1984 foi convocado oficialmente pelo Cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a doutrina da fé naquele momento, para um colóquio. Depois disso foi condenado ao silêncio obsequioso por um ano em 1985, e desde então ficou sob vigilância⁹. Mais tarde, em 2006, a CDF publicou uma *Notificação* sobre as obras de Jon Sobrino: *Jesucristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret* (Madrid, 1991) e *La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas* (San Salvador, 1999), sendo divulgada em 2007¹⁰.

A Notificação não tem um caráter condenatório, sendo uma advertência, uma chamada de atenção para certas proposições que não são conformes à doutrina da Igreja. Na introdução da Notificação às obras de Sobrino a CDF afirma não julgar as intenções subjetivas do Autor, nesse sentido, não estão em discussão as dúvidas em relação à sua fé, mas as suas afirmações. As proposições que não são conformes à doutrina da Igreja, segundo a Notificação, referem-se: aos pressupostos metodológicos enunciados pelo Autor, onde ele funda a sua reflexão teológica; à divindade de Jesus Cristo; à encarnação do Filho de Deus; à relação entre Jesus Cristo e o Reino de Deus; à autoconsciência de Jesus Cristo; ao valor salvífico da sua morte.

O significado da cruz de Jesus tem sido interpretado de várias maneiras ao longo dos séculos. Dentre os modos de compreender a cruz, o sentido devocional foi mais sublinhado do que o sentido original, pois a morte de Jesus na cruz é vista por uma grande maioria como um “desígnio divino” para nos

⁹ Como o nosso interesse aqui não é a história da condenação de Leonardo Boff, recomendamos para um aprofundamento do tema a Crônica eclesial que se encontra na REB 44, *Comentários à Instrução sobre a teologia da libertação*, pp. 845-868.

¹⁰ CDF., *Notificação sobre as obras de Jon Sobrino*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20061126_notification-sobrino_po.html>. Acesso em 01 maio 2009. Assim inicia-se a notificação: “Após um primeiro exame dos volumes *Jesucristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret* (*Jesucristo*) e *La fe en Jesucristo. Ensayo desde las víctimas* (*La fe*), do Rev.do P. Jon Sobrino S.I., a Congregação para a Doutrina da Fé, dadas as inexatidões e erros neles encontrados, decidiu, em Outubro de 2001, proceder a um ulterior e mais aprofundado estudo das ditas obras. Dada a ampla divulgação desses escritos e a utilização dos mesmos em Seminários e outros centros de estudo, sobretudo da América Latina, a Congregação achou por bem aplicar a esse estudo o “procedimento urgente” previsto nos artigos 23-27 da *Agendí Ratio in Doctrinarum Examine*”.

salvar. Certamente um dos fundamentos da fé cristã é a certeza de Jesus Cristo como Salvador, por isso à cruz em si mesma (isto é, sem a história de Jesus) tem-se dado a atribuição de um valor salvífico.

Nossa pesquisa tem como objetivo principal adentrar na reflexão de Sobrino para, com rigor teológico, haurir daí elementos significativos para um profundo seguimento a Jesus em nossa realidade ainda marcada por tanto sofrimento humano e onde os crucificados são uma grande maioria. Tendo isto como pressuposto procuraremos demonstrar como Sobrino tem procurado responder às questões sobre a cruz de Jesus e seu ponto de partida e de chegada para suas afirmações. Para isso, organizamos nossa pesquisa em três capítulos.

No primeiro capítulo nos empenharemos em analisar o sentido histórico da morte de Jesus, seu impacto e suas causas. O ponto nodal que perpassa a reflexão de Sobrino aqui apresentada é a pergunta “por que matam Jesus?”. Veremos que sua reflexão parte da realidade e a ela retorna para iluminá-la com o texto bíblico. Através desta metodologia Sobrino vê os crucificados existentes como a melhor hermenêutica para compreender a cruz de Jesus.

Perpassaremos em primeiro lugar o acontecimento da crucificação de Jesus. Uma coisa é certa: Jesus morre através da forma mais cruel e vergonhosa de sua época. Morre como um criminoso a partir de um julgamento e de uma condenação. Num diálogo com outros autores apresentaremos como Sobrino interpreta o porquê matam Jesus e os processos religioso e político pelos quais Jesus foi submetido. Como veremos, a originalidade de Sobrino consiste na afirmação de que por trás do processo de Jesus há uma luta de divindades. E nessa luta Jesus e seu Deus parecem, a princípio, perder no processo.

Dando continuidade procuraremos demonstrar os pontos essenciais das interpretações sobre a cruz de Jesus nas primeiras comunidades cristãs e suas influências para a atualidade. Sobrino demonstra que mais do que responder “por que mataram Jesus?” as primeiras comunidades tiveram a preocupação de responder “por que Jesus morreu?”. Essa pergunta nasce para dar um sentido ao que aconteceu com Jesus. As respostas das comunidades nascentes situam-se no nível teológico, pois colocam em Deus o sentido último da cruz. Aqui a advertência principal é para não cairmos na ingenuidade de termos Deus como um ídolo que precisa de sangue derramado para salvar. Pelo contrário, a cruz não revela um Deus sanguinário, mas um Deus de Amor.

Das interpretações da cruz realizada pelas primeiras comunidades nascentes passaremos às principais interpretações da cruz na tradição teológica ressaltando a influência de Jürgen Moltmann, teólogo luterano, na reflexão teológica de Jon Sobrino.

Concluiremos o primeiro capítulo apresentando a interpretação de Sobrino sobre o porquê matam Jesus. Em síntese podemos afirmar que vê a morte de Jesus como consequência de sua práxis, isto é, de sua pró-existência histórica. E essa visão é a forma mais adequada para recuperar o sentido original da cruz de Jesus.

Trataremos no segundo capítulo do sentido teológico da cruz de Jesus na tentativa de apresentar uma resposta ao questionamento “por que Jesus morre?” seguindo a perspectiva de Sobrino.

Como ponto de partida ressaltaremos a inter-relação encarnação-vida-morte-ressurreição de Jesus como proposta de uma visão integrada e integradora das dimensões de sua vida, portanto a cruz é vista como parte intrínseca dessa relação.

A seguir nos perguntaremos pelo sentido do silêncio de Deus na cruz de Jesus e ressaltaremos como esse silêncio denota descontinuidades em relação à revelação de Deus como proximidade e como Pai trazidas e apresentadas por Jesus.

Para responder à questão anterior procuraremos apresentar a originalidade cristã que professa um “Deus crucificado” que sofre e que ama, visto que na cruz Deus sofre com o sofrimento de seu Filho. Para Sobrino essa originalidade desfaz a visão de um “Deus onipotente” como geralmente é compreendido. A cruz de Jesus nos faz conhecer quem é Deus: um Deus próximo que assume em si a natureza e o sofrimento humano.

Concluindo o capítulo apresentaremos como do “Deus crucificado” Sobrino passa aos “povos crucificados”. Sobrino insere na cristologia os “povos crucificados” como corpo de Cristo crucificado na história. Aqui, analogamente, os povos crucificados são comparados ao servo sofredor de Isaías e vistos como povo martirial. Além disso, Sobrino destaca a importância de muitas mulheres e homens que doaram sua vida em nossa realidade latino-americana em favor da vida. A esses Sobrino denomina “mártires jesuânicos” e propõe uma mudança no conceito oficial de martírio para que sejam reconhecidos oficialmente como mártires.

Nosso terceiro e último capítulo pretende apresentar as consequências práticas da percepção e compreensão da cruz de Jesus em seu sentido original, como demonstrou Sobrino, para a vida cristã.

Primeiramente sublinharemos a relevância do seguimento a Jesus como fruto de uma profunda experiência de encontro com Ele em seu Mistério pascal e apresentaremos como os primeiros cristãos vivenciaram o seguimento e sua relação com a cruz.

Continuando a reflexão ressaltaremos como a cruz foi compreendida no seguimento a Jesus após as primeiras comunidades. Esse ponto tem como objetivo principal demonstrar as formas de místicas e devoções que surgiram a partir de interpretações sobre o significado da cruz.

Segundo Sobrino o caminho do seguimento consiste em percorrer o mesmo caminho de Jesus, vivenciar a *kénosis*. Entretanto, no caminho de Jesus a cruz se faz presente, por isso o seu sentido original precisa ser bem compreendido para que a espiritualidade cristã e o seguimento não se tornem uma mística da dor e do sofrimento. Para demonstrar isso perpassaremos pontos nucleares do caminho *kenótico* de Jesus.

Finalmente, para concluir nossa pesquisa, apresentaremos pontos relevantes de um seguimento mais integrado e integrador a partir do Mistério pascal que nos conduz a uma superação de dualismos em nossa vivência cristã.